

O futilmente familiar¹

Pedro Gaspar Amaral
30 de março de 2026

Abstract

Através deste comentário pretende-se sobre a relação do agente com o objeto filosófico. Parte-se das dificuldades que Michael Sandel identifica no final da primeira lição para analisar a experiência do véu da ignorância, bem como para abordar formas de fechamento ao filosofar.

Das opções circunscritas para a realização do comentário, optei² pela 3) *O ensino da filosofia política por Michael Sandel em Harvard (no curso Justice, by Michael Sandel)* por permitir um contacto com conteúdos a serem lecionado, enquanto mobiliza escolhas didáticas. A dupla curiosidade levou a aproveitar esta oportunidade para começar a ver o curso, apesar de não o ter acabado.

Um dos aspetos que mais se destacou na primeira lição está num dos seus momentos finais:

*the difficulty of this course consists in the fact that it teaches what you already know.*³

A ideia que aqui está presente e que é por ele desenvolvida concretiza-se no distanciamento que é necessário estabelecer entre o *pensador* e o *pensado*. Isto é, perceber como existem diferentes atitudes filosóficas como aquelas descritas por

¹ O presente comentário precisará certamente de ser melhorado. Foi entregue neste momento para garantir algum *feedback*.

² Pela natureza do comentário, considerei por bem utilizar a primeira pessoa.

³ Harvard University. (2009, 4 de setembro). *Justice: What's The Right Thing To Do? Episode 01 "THE MORAL SIDE OF MURDER"* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=kBdfcR-8hEY>: min. 18:05.

Husserl⁴, ou seja, a existência uma atitude em relação ao cotidiano e outra para a contemplação. Esta distinção parece-me importante por apontar para duas vias igualmente pertinentes da reflexão filosófica: o despir autocrítico e o futilmente familiar. Por um lado, perceber a implicação de quem somos na forma como vemos, por outro lado, contemplar como a nossa ignorância camuflada de experiência nos fecha ao mundo.

Primeira via

Quando nos questionamos sobre a importância da identidade para a formação de um esquema de inteligibilidade encontramos com a possibilidade do desenvolvimento do problema do véu da ignorância em Rawls. Esta experiência mental, tal como problematizada por Sandel no seu curso, é um convite de Rawls para nos colocarmos numa posição de ignorância sobre as nossas condições mundanas de forma que reste⁵ o agente racional como decisor sobre os princípios de justiça.

Aqui encontramos um dos problemas com o qual nos deparámos nas nossas aulas: a categorização do agente. A consulta de um dicionário escolar de Filosofia afirma:

Aquele que age; a pessoa que faz uma ACÇÃO. Na tradição filosófica são apontadas pelo menos duas exigências para que se considere que alguém tem a propriedade de ser um agente: a primeira, ser capaz de avaliar e escolher entre as várias opções de acção disponíveis; a segunda, ser capaz de concretizar a escolha que fizer. O problema filosófico da agência consiste em saber se as acções são apenas acontecimentos que envolvem pessoas (ou seres racionais em geral), ou se são acontecimentos causados pelos agentes e, nesse caso, como se dá tal causalidade.⁶

Questiona-se qual a natureza da ação e como se pode explicar a ação⁷. Vimos na ética como Kant e Mill dispunham de concepções muito distantes: o retrato deontológico de um agente racional, autónomo, que se movimenta no reino dos fins, enquanto que a posição utilitarista evidencia um agente racional que calcula consequência do ponto de vista do universo. Rawls concebe um agente como

⁴ Husserl, E. “Carta a Hugo von Hofmannsthal”. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IV, n. 8 (jan-jun/2010), pp. 35-40.

⁵ Fazer a ponte com o problema do resto.

⁶ Costa, A. P. (2009). Agente. In A. Almeida (Ed.), *Dicionário escolar de filosofia*. Plátano Editora.

⁷ Como explorado em Miguens, S., & Cadilha, S. (Eds.). (2011). *Acção e ética: Conversas sobre racionalidade prática*. Colibri.

decisor racional, próximo do ponto de vista kantiano, e é justamente essa concepção que será objetada por Sandel de um ponto de vista comunitarista:

Na concepção de Rawls, as características que eu possuo não estão associadas ao eu, mas apenas relacionadas com ele, permanecendo sempre a uma certa distância. É isto que faz com que sejam atributos, em vez de partes constituintes da minha pessoa. Elas são minhas, em vez de eu próprio, coisas que eu possuo, em vez de coisas que eu sou.⁸

No curso de Sandel, o momento da experiência do véu da ignorância é desde logo atravessado pelo debate sobre o lugar do mérito. O véu da ignorância existe para neutralizar conceptualmente as qualidades que são habitualmente designadas por mérito. Não obstante, será possível de facto fazer essa separação? Essas qualidades em Rawls são apenas contempladas enquanto um conjunto arbitrariamente distribuídas por um coletivo. O que nota Sandel é que, se assim é, é necessário desde o início garantir o coletivo na equação.

Será pertinente didaticamente tentar estabelecer uma ponte nesta parte da argumentação com literatura ao nível local. Considerem-se os seguintes excertos.

O relógio em frente à secretária marca 15 horas. Lá fora, a fila vai longa e as conversas seguem como se a vida corresse bem. Há uma televisão para a qual ninguém olha. Uma senhora de idade de pernas unidas e olhos lívidos a abstrair-se do ruído. Um senhor com um saco plástico cheio de documentos, resumos de vida de quem há muito aprendeu que para ter direito a ajuda não basta ser pobre, é preciso prová-lo. Uma quase adolescente a olhar o telemóvel como quem encurta o tempo da ansiedade naquela sala que tanto pode abrir-lhe portas como roubar-lhe a última esperança.⁹

Para aquelas pessoas, sem prestígio e visibilidade, os trunfos são quase sempre objectos, justifica: 'Não estudaram em Cambridge, não fizeram um doutoramento, não vivem na Foz, não são filhos do senhor doutor. A mãe está presa, o pai é alcoólico, os irmãos andam na droga. Eles afirmam-se pelo telemóvel.' E vivem o momento. Por isso, chega o RSI e gastam tudo: 'Pergunto-lhes e amanhã?'. E eles dizem-me 'sei lá de amanhã, nem sei se chego ao fim do dia de hoje.'¹⁰

Estes excertos evidenciam como as categorias sociais só existem pela relação entre agentes. Seria impossível um agente racional, um decisor, abstrato, que garantisse

⁸ Sandel, M. J. (2005). *O liberalismo e os limites da justiça* (C. E. Pacheco do Amaral, Trad.). Fundação Calouste Gulbenkian: p. 123.

⁹ Pinto, M. C. (2017). *Porto, última estação*. Fundação Francisco Manuel dos Santos: p. 14.

¹⁰ Pinto, M. C. (2017). *Porto, última estação*. Fundação Francisco Manuel dos Santos: p. 17.

a justiça sem garantir as nuances da pressuposição de um coletivo – de valores que são inerentes aos agentes e não a eles associados.

Segunda via

Meditar sobre a segunda via anteriormente considerada consiste em retomar as palavras de Sandel sobre os perigos do estudo da filosofia política. O perigo pessoal já foi mencionado¹¹, ao qual deve ser adicionado um perigo político que consiste na falácia de que estudar filosofia política nos torna automaticamente bons cidadãos.

O problema que me tem atormentado trata justamente da capacidade de compreender a fronteira entre um conhecimento real, originado na experiência, ou uma mera aparência do hábito quotidiano. Algo que nos é futilmente familiar pode trazer o perigo de conclusões assentes em premissas superficiais, mas também o desencorajar do desenvolvimento de curiosidade sobre o mesmo tema, ou seja, o facto de considerarmos que sabemos x acerca de y, poderá instigar-nos a abandonar uma pesquisa que, na realidade, ainda estaria no seu começo. Isto importa-nos para o ensino. É o momento de garantir a abertura ao mundo necessária para nos provocar e desestabilizar, para questionarmos filosoficamente.

O método utilizado por Sandel para o efeito foi basear-se em experiências mentais. O dilema do *elétrico* ou do *cirurgião* evidenciam como existe algo que escapa às nossas intuições. Não será por acaso que o levantamento dos perigos se seguiu a este momento inicial de confronto. Quando são discutidos assuntos tão próximos da experiência do quotidiano, será particularmente fácil criar falsas certezas, estimular o futilmente familiar.

¹¹ A citação da primeira página.